



A TRADUÇÃO NA FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO INFANTIL BRASILEIRO

TRANSLATION AT THE CONFIGURATION OF THE BRAZILIAN LITERARY SYSTEM OF CHILDREN'S BOOKS

Lia A. Miranda de Lima¹

RESUMO: Este artigo apresenta um panorama histórico da tradução de literatura infantil (LI) no Brasil entre fins do século XIX e a década de 1940, a fim de investigar sua participação na formação do sistema literário infantil brasileiro. A noção de sistema literário é compreendida segundo Antonio Candido (2000), acrescentando-se a ela as reflexões do israelense Itamar Even-Zohar (1990) em sua teoria dos polissistemas. Postulamos que a visão sistêmica de Candido autoriza e legitima a consideração da literatura traduzida no estudo histórico de uma literatura – no caso, a literatura infantil brasileira.

Palavras-chaves: Sistema literário; História; Tradução; Literatura infantil

ABSTRACT: This article presents a historical panorama of the translation of children's literature (CL) in Brazil between the end of the 19th century and the 1940's, in order to investigate its involvement on the configuration of the Brazilian literary system of children's books. The notion *literary system* is understood according to Antonio Candido (2000), adding to it the considerations of Itamar Even Zohar in his Polysystem theory. We postulate that Candido's systemic approach authorizes and legitimates the consideration of translated literature in historical studies of a certain literature – in this case, Brazilian children's literature.

Keywords: Literary system. History; Translation; Children's literature

INTRODUÇÃO

Este trabalho acolhe o ponto de vista histórico (CANDIDO, 2000, p. 29) para o estudo panorâmico da literatura infantil brasileira, ou seja: buscamos examinar a articulação entre as obras literárias ao longo do tempo, aliando seus elementos internos, seu valor estético, à sua posição em determinado contexto social. Essa abordagem

¹ Doutoranda em Literatura (PósLit/UnB). Mestre em Estudos de Tradução (PosTRAD/UnB). Membro do corpo editorial da *Revista Belas Infâncias* (Qualis B2). Bolsista Capes. E-mail: liaamiranda@gmail.com



demanda a inserção do conjunto de obras traduzidas na reconstituição e na análise do percurso histórico de uma literatura, o que buscaremos sugerir a seguir, revisitando algumas obras e autores das primeiras cinco décadas da literatura infantil no Brasil – de fins do século XIX até 1940.

A tradução, ao lado da crítica, das antologias, do ensino, constitui uma das principais formas de reescrita de um texto literário, atuando de maneira crucial na circulação das obras, em sua recepção, na reputação dos escritores e na constituição do cânone (LEFEVERE, 1992). Assim, seu estudo se faz imperativo para uma visão o mais completa possível da constituição de uma literatura. Tal argumentação foi suficientemente fundamentada por autores das duas últimas décadas do século XX, entre eles Susan Bassnett (2003), Gideon Toury (1995) e Itamar Even-Zohar (1990), que terminaram por estabelecer o campo dos Estudos da Tradução como disciplina autônoma. Destes, retomamos a teoria dos polissistemas, formulada por Even-Zohar, por acreditar que ela se articula de maneira bastante harmônica com o ponto de vista histórico de Candido, permitindo visualizar mais claramente a presença da tradução nos desenvolvimentos históricos de um sistema literário.

Sistema literário

Para Itamar Even-Zohar (1990), um sistema literário se caracteriza por uma *rede de relações* entre atividades ditas literárias que vai além dos produtos textuais finais. Sua teoria examina as correlações entre repertório e sistema, entre produção, produtos e consumo (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 6), rejeitando a ideia da literatura como um conglomerado de elementos desconectados entre si. A teoria dos polissistemas foi desenvolvida por Even-Zohar para responder a problemas específicos, tais como aqueles propostos pela teoria da tradução e pela complexa estrutura histórica da literatura hebraica. Even-Zohar observa que a literatura é um *polissistema*, ou um conjunto composto por múltiplos sistemas que se inter-relacionam e definem seu valor em relação uns aos outros.

Para Even-Zohar, o conjunto de obras traduzidas em uma determinada literatura constitui um sistema próprio, articulando-se por uma rede cultural e verbal de relações, assim como os sistemas literários. As obras traduzidas se correlacionam de pelo menos duas formas: pelos princípios de seleção dos textos fontes pela literatura alvo e pelo uso



que as traduções fazem do repertório literário, adotando normas, comportamentos e políticas específicas. O autor considera a literatura traduzida não apenas como um sistema fechado dentro de um polissistema literário, mas como um sistema ativo dentro desse último, podendo ocupar ali uma posição central ou periférica (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 46-47). No caso do jovem sistema literário infantil brasileiro, como veremos, a tradução ocupou uma posição central pelo menos até a década de 1960.

A definição de sistema de Antonio Candido é cronologicamente anterior à de Even-Zohar e encerra as mesmas noções de articulação e dinamismo. Candido encara o sistema literário como o corolário na formação histórica de uma literatura, que sucede as fases das primeiras manifestações literárias e de configuração do sistema. Vale a pena reproduzir esta citação do autor, embora um pouco longa:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de *decisivos* os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 2000, p. 23, Grifos do autor.)

Para Candido, em suma, o sistema literário se diferencia das primeiras manifestações literárias por seu aspecto de conjunto, marcado por fases, notas dominantes, denominadores comuns. É caracterizado por produtores de literatura, público, meios de distribuição e circulação, elementos de estilo, constituindo um conjunto simbólico que compõe organicamente a civilização. O sistema pressupõe uma continuidade literária, pontuada esteticamente por desejos de ruptura, superação, resgate, que passa a constituir uma tradição. O método de Candido consiste em articular cada uma dessas etapas, desenhando um fluxo que permite enxergar os fenômenos de maneira



complexa. Aqui, trata-se de considerar a literatura traduzida como aspecto fundamental da continuidade literária na produção para as crianças brasileiras. Ou, retomando Even-Zohar (1990, p. 6), buscamos demonstrar a viabilidade e a relevância de se incorporar o subsistema da literatura traduzida ao percurso histórico da literatura infantil brasileira.

Tradução e formação de uma literatura

Não é a primeira vez que se propõe a visão sistêmica de Cândido para estudar o papel da literatura traduzida na formação do sistema literário brasileiro. A profa. Germana H. Pereira de Sousa, do LET, publicou em 2015 artigo na revista *Cadernos de Tradução* com a seguinte proposta:

[...] eleger a relação entre literatura, tradução e formação do sistema literário brasileiro, no sentido da formação de sua *tradição*, ou seja, estudar a importância da literatura traduzida para a formação do cânone nacional, tal como Candido apresenta em dois textos fundamentais para nosso tema: “Os primeiros baudelairianos” (2003) e “Estrutura literária e função histórica” (2000). Em ambos os textos, o autor mostra como *a tradução ocupou uma posição central na formação do cânone nacional* e como os tradutores participaram ativamente desse processo (SOUSA, 2015, p. 57, Grifo meu).

A autora ressalta a participação ativa da tradução na constituição de uma tradição, que amparará a formação do cânone nacional. Em *Os primeiros Baudelairianos*, um dos textos mencionados por Sousa (2015) em sua argumentação, Candido emprega termos e expressões variadas para se referir à posição de um autor estrangeiro (no caso, Baudelaire) no sistema receptor, em cada momento histórico. Ele pode ser influência, inspiração, alimento, mestre, modelo; pode ser traduzido, adaptado, parafraseado, imitado, assimilado, desdobrado; pode ser seguido em seu *temário*, em sua *maneira*, em suas *imagens típicas*; ou pode ainda ter uma “presença normal na sensibilidade dos escritores” (CANDIDO, 1989). Ainda segundo Candido, a importância histórica de Baudelaire na literatura brasileira, em especial na ruptura com o romantismo, deu-se por meio de deformações e ajustes às necessidades e anseios da sociedade que o recebia. Essa visão parcial do autor estrangeiro, alterada, modificada, que acentua certos elementos e atenua outros, é o que permite a evolução do sistema receptor. Dessa forma, a abordagem teórica que adotamos para a observação das traduções é antes descritiva que prescritiva (que ditaria como se deve traduzir), doutra forma seria inviável situar a literatura traduzida no



sistema de chegada e compreender seu papel na sua evolução. Sigamos então para o nosso breve panorama histórico.

A literatura infantil brasileira: da primeira República até Lobato

Como parece ser regra entre sistemas literários pequenos ou jovens (EVEN-ZOHAR, 1990), a importação de obras via tradução, adaptação ou imitação foi o primeiro momento de uma produção literária para crianças no Brasil, como já apontado por importantes pesquisadores (ARROYO, 1990; LAJOLO & ZILBERMAN, 2007; COELHO, 2010).

Apresentamos aqui um breve apanhado da pesquisa referente à história da LI no Brasil que permita visualizar a participação da tradução no processo de formação de um sistema de livros infantis no país. São dados já bastante difundidos, mas que vale a pena retomar para melhor compreender como se deu e como se dá a interação entre a literatura estrangeira e a produção autóctone no âmbito da literatura infantil, por meio da tradução.

Primeiras manifestações – traduções, adaptações e imitações.

Os primeiros livros traduzidos para crianças brasileiras começaram a vir de Portugal durante a segunda metade do século XIX, em uma linguagem que era então já bastante distante daquela que aqui se falava. Neste primeiro momento, a literatura infantil pouco se diferenciava da literatura escolar, e sua circulação se restringia às poucas famílias cujos filhos frequentavam as escolas imperiais da época. Entre os livros de leitura escolar que circulavam em traduções portuguesas naquele momento, citamos as obras de Marquesa de Lambert, Mme de Beaumont, Fedro, Andersen, De Amicis, Verne, Giulio Cesare Croce, Emilio Salgari e Cônego Schmidt (ARROYO, 1990).

As queixas de intelectuais e educadores contra as traduções lusitanas desembocaram em um nacionalismo literário que se refletiu em adaptações aclimatadas, produzidas em terra pátria por tradutores brasileiros ou residentes no Brasil há tempo suficiente para diferenciarem sua linguagem da europeia. A LI europeia representava, nesse momento, um acervo sólido para a edição de livros para crianças no Brasil (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p. 20).



No fim do século XIX, com a proclamação da República e a expansão do sistema escolar, vimos as primeiras traduções em português brasileiro. Os pioneiros a encarregarem-se dessa tarefa foram educadores que nos legaram versões resumidas de clássicos como *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusóe* e *Dom Quixote*, bem como fábulas e contos de Perrault, Andersen e dos Irmãos Grimm. Nas tabelas abaixo estão alguns dos primeiros livros para crianças e jovens traduzidos no Brasil²:

Tabela 1: Primeiras traduções/adaptações em português brasileiro

Data	Títulos	Tradutor
1882	Contos seletos das mil e uma noites (<i>Les Mille et Une Nuits</i>)	Carlos Jansen
1885	Robinson Crusóe (<i>Robinson Crusoe</i>)	Carlos Jansen
1886	D. Quixote de La Mancha (<i>El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha</i>)	Carlos Jansen
1888	As viagens de Gulliver a terras desconhecidas (<i>Gulliver's Travels</i>)	Carlos Jansen
1891	Aventuras pasmosas do celeberrimo Barão de Münchhausen (<i>Die Abenteuer des Freiherrn von Münchhausen</i>)	Carlos Jansen
1891	Coração (<i>Cuore</i>)	João Ribeiro

Tabela 2: Antologias de contos de encantamento: Grimm, Perrault, Andersen e outros

Data	Títulos	Antologista/Adaptador
1894	Contos da Carochinha	Figueiredo Pimentel
1896	Histórias da avozinha	Figueiredo Pimentel
1896	Histórias da Baratinha	Figueiredo Pimentel

À exceção de *Coração*, cujo projeto de tradução de João Ribeiro prezava pela aderência ao texto italiano de Edmondo de Amicis (1886), quase contemporâneo à tradução brasileira, as demais traduções acima listadas são bastante livres, constituindo adaptações assumidas. Em relação aos clássicos vertidos pelo educador Carlos Jansen, o objetivo era suprir a carência de material de leitura para seus alunos no colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, de onde a produção de traduções facilitadoras e didaticamente construídas. No que diz respeito às antologias de Figueiredo Pimentel, não havia a preocupação em mencionar a autoria dos textos fonte, ou sequer de diferenciar os relatos traduzidos daqueles coletados da tradição oral que já se estabelecera no Brasil. Seus

² Estas tabelas estão reproduzidas em minha dissertação de mestrado. LIMA, Lia A. Miranda de. **Traduções para a primeira infância**: o livro ilustrado traduzido no Brasil. 196f. POSTRAD/UnB, Brasília, 2015



contos respondiam à urgência de produzir literatura escrita para um público que dispunha de uma oferta quase nula de textos redigidos em português brasileiro.

Essas primeiras traduções, que mesclam referências externas à recriação local, constituem o germe de uma produção literária infantil autóctone. Foi somente na virada do século XIX para o XX que o Brasil encontrou condições políticas, econômicas, sociais e de produção para sugerir a emergência de um sistema de livros para a infância, retomando a noção de sistema literário de Antonio Candido (1999): um conjunto de textos e autores postos em circulação junto ao público, em lugar das manifestações literárias isoladas de até então. Dois eventos marcaram esse novo cenário: a abolição da escravatura, em 1888, e a proclamação da República, em 1889.

Com o fim do trabalho escravo e a necessidade de contratação de mão de obra livre e assalariada, avolumaram-se as camadas intermediárias da sociedade e começou-se a formar um público potencialmente consumidor de livros. O regime republicano, instaurado logo em seguida, estimulou a industrialização e a urbanização do país, cenário que possibilitou, pela primeira vez, a circulação regular de livros infantis. Esse projeto republicano de modernização, artificial e imposto, solicitou uma LI programática e exemplar, inspirada em modelos europeus (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p. 22).

Entre os autores brasileiros que escreveram para a infância nesse período estão Júlia Lopes de Almeida, Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Coelho Neto. Na obra de todos eles são exaltados o amor à terra e o patriotismo, por meio do ideal de *pedagogia amena*, ou seja: instruir por meio do prazer. Especialmente representativa dessa abordagem pedagógica é *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, obra paradigmática inspirada em similares europeus, notadamente *Le tour de la France par deux enfants* (1877), de G. Bruno. A jornada dos irmãos Carlos e Alfredo pelo Brasil em busca do pai é redigida de maneira a envolver o leitor, com elementos emprestados aos romances de aventura, e serviu de base para o ensino de história, geografia, agronomia e outras disciplinas do ensino regular.

Antonio Candido afirma que a literatura brasileira, embora modificada pelas condições do Novo Mundo, faz parte orgânica do conjunto das literaturas ocidentais (CANDIDO, 1999, p. 11). Da mesma forma ocorre com nossa LI. Seus primórdios estão marcados por um projeto de afirmação da identidade nacional, conforme os ideais do Romantismo que se disseminaram em nossas letras a partir da Independência, em 1822. Se, por um lado, a primeira literatura infantil brasileira estava atrelada a um compromisso



com temas e linguagem nacionais, por outro lado, ela adotou formas e modelos europeus. Assim como na literatura não infantil, a articulação de temas locais com formas universais, herdadas da metrópole, foi essencial para a formação do sistema literário infantil brasileiro. As adaptações, as imitações, os pastiches, compreendem mecanismos de acumulação literária num momento histórico em que o país ainda não possuía uma tradição própria à qual se referir. Para estas primeiras manifestações, portanto, era essencial buscar referências externas.

O início de uma produção de livros para crianças por autores brasileiros na virada do século XIX para o XX, especialmente para uso nas escolas, não provocou uma redução no montante de obras traduzidas. Pelo contrário: a demanda escolar e o incremento nos meios de produção e circulação de livros alavancaram simultaneamente a publicação de traduções e de obras nacionais.

Uma literatura infantil brasileira: Monteiro Lobato.

É somente a partir da década de 1930 que se pode falar em uma atividade literária minimamente regular para crianças no Brasil, baseada no tripé formulado por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (2000, p. 23): um conjunto virtual de (1) autores, (2) veículos de circulação e (3) público. Entre os escritores que atuaram naquele período, destacamos Viriato Correia, Érico Veríssimo, Carlos Lébeis, Malba Tahan e Monteiro Lobato, além de autores de literatura adulta que escreveram também para crianças, como José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos e os poetas Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida e Henriqueta Lisboa.

Naquele momento, a estética modernista já dominava a literatura não infantil, e a LI brasileira começava a manifestar elementos próprios, autônomos e originais, superando a imitação da primeira fase. Monteiro Lobato (1882-1948) foi indubitavelmente o grande responsável por essa virada, e passou a servir de inspiração para toda uma gama de autores que surgiram nas décadas seguintes. Lobato destacou-se também por sua atividade editorial, que inovou a produção e a circulação de livros no país. Ele renovou radicalmente a linguagem na LI e se apropriou do acervo europeu e do folclore brasileiro de maneira inovadora, num espírito antropofágico bem compatível com a estética modernista.



Lobato é emblemático para observarmos a participação da literatura estrangeira na formação da literatura nacional. Na saga do Sítio do Picapau Amarelo, Lobato evoca a tradição europeia dos contos de fadas e retoma personagens da literatura e da indústria cultural europeia e norte-americana, como Peter Pan ou o Gato Félix, mesclando-os a figuras do folclore nacional – o saci, a cuca etc. Além disso, Lobato pontua uma virada de influências na literatura brasileira: da literatura francesa para a inglesa e a norte-americana. Em 1908, escreve:

O francês anda a me engulhar todas as tripas. Como cansa aquela eterna historinha dum homem que pegou a mulher do outro – como se a vida fosse só, só, só isso! A literatura inglesa é muito mais arejada, variada, mais cheia de horizontes, árvores e bichos. Não há tigres nem elefantes na literatura francesa, e a inglesa é toda uma arca de Noé. (LOBATO, 2010, s/p).

A literatura inglesa será importante influência sobre a exuberância do Sítio, com sua diversidade de personagens, sobre a narrativa ágil e sobre a presença marcante da fantasia – que será reabilitada na LI brasileira nesse período modernista.

Ao lado de sua produção autoral, Monteiro Lobato se dedicou à tradução e adaptação de clássicos da literatura mundial, entre os quais *Robinson Crusoe* (1930), *Alice no País das Maravilhas* (1931), *Pinocchio* (1933) e *As viagens de Gulliver* (1937). Sua produção era tão abundante que a crítica do período chegou a duvidar que todas as traduções fossem de sua autoria. O processo adaptativo de Lobato era intencional e consciente, como atesta sua correspondência com o amigo e escritor mineiro Godofredo Rangel, registrada em *A barca de Gleyre*: “Estou precisando de um D. Quixote para crianças, mais correntio e mais em língua da terra que as edições do Garnier e dos portugueses” (LOBATO, 2010, s/p).

Apesar da contratação de tradutores brasileiros para a publicação de obras estrangeiras por editoras como a Garnier e a Quaresma já no século XIX, Monteiro Lobato, nas primeiras décadas no século XX, ainda se queixava do ar lusitano das traduções feitas no país, conforme sua célebre declaração em carta a Rangel: “Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos que refazer tudo isso - abrigar a linguagem” (LOBATO, 2010, s/p).

Embora estejam atualmente em voga as abordagens partidárias de traduções “estrangeirizantes” em oposição às “domesticadoras” (VENUTI, 2004), as adaptações de Lobato têm sido vistas com bons olhos pela crítica acadêmica. A razão para tanto pode



ser observada nesta referência de Antonio Candido a reproches de Machado de Assis contra os imitadores de Baudelaire na década de 1870:

Machado tinha razão formalmente; mas hoje podemos perceber que historicamente *a razão estava com os moços que deformavam segundo as suas necessidades expressivas*, escolhendo os *elementos mais adequados à renovação* que pretendiam promover e de fato promoveram. (CANDIDO, 1989, p. 26).

Essa afirmação de Candido permite que as discussões já bastante desgastadas acerca da fidelidade e da equivalência em tradução sejam encaradas sob um viés histórico, que considera a função das traduções no sistema literário em um determinado estágio de seu desenvolvimento. A apropriação deformante que Lobato fez da literatura estrangeira favoreceu sua dissidência em relação à estética que até então dominava nossa incipiente literatura infantil. Pode-se dizer que pela primeira vez o prazer da leitura superou os objetivos pedagógicos no livro para crianças, e foi na literatura de língua inglesa que Lobato buscou a matéria prima para compor obras que reuniam fantasia, aventura, humor e ironia.

As décadas de 1930 e 1940 podem ser consideradas, sem dúvida, um período decisivo na formação da literatura infantil brasileira. O processo de adaptação de formas universais à realidade local, que já vinha sendo realizado desde o fim do século XIX, pela primeira vez se coloca como debate do projeto universal, expondo as tensões entre a propaganda progressista do Estado Novo e a herança escravocrata e latifundiária que estava longe de ser superada. Monteiro Lobato e Graciliano Ramos passam a apresentar outra relação com o Brasil, colocando o progresso em dúvida – ao menos o ideal ruralista – e deixando aparentes suas contradições, como se pode observar e *Geografia de D. Benta* (1935), de Lobato, e *Histórias de Alexandre* (1944), de Graciliano.

Monteiro Lobato, ao lado de outros autores que tiveram uma produção para crianças menos prolífica, mas igualmente representativa desta fase, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego, ainda não se inserem plenamente num fluxo de tradição de autores nacionais. Eles mesmos deverão constituir uma tradição para a posteridade. Pode-se traçar um paralelo entre este momento e a fase de configuração do sistema literário, conforme definida por Candido (1999, p. 29): “[...] o esboço de uma literatura como fato cultural configurado, não apenas como produções individuais de pouca repercussão”.



Esse processo de acúmulo terá seu corolário nas décadas de 1960-1970, com o advento de uma produção original e contestadora que constituiu o conhecido *boom* da literatura infantil brasileira. Naquele momento, os autores sentiram necessidade de se referir à tradição interna, mesmo que para questioná-la, e a força das influências externas começou-se a ser compensada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível compreender a formação da literatura infantil brasileira sem considerar o conjunto da literatura traduzida em suas relações com a literatura aqui produzida. Em relação à fase das primeiras manifestações literárias, na virada do século XIX para o XX, são onipresentes nos trabalhos de historiografia as referências às primeiras traduções brasileiras, e a razão é evidente: elas eram praticamente tudo o que se tinha em termos de literatura infantil. No entanto, à medida que os relatos históricos caminham para períodos em que a produção autóctone ganha relevo, as traduções passam a ser ignoradas, ou referidas apenas esporadicamente. De certa forma, este fato é natural e reflete o desejo de emancipação cultural de uma nação que luta, até os dias de hoje, por compreender sua identidade. É preciso enxergar, contudo, as referências externas nas obras de autores nacionais, e avaliar como elas executam a síntese entre o universal e o local.

Retomamos a associação que Candido (2010, p. 26-28) faz entre a configuração do sistema literário brasileiro e a necessidade de configuração de uma identidade nacional, questão que perpassa igualmente, e de maneira profunda, a formação da literatura infantil no país. O desejo de diferenciação em relação à metrópole manifestou-se na literatura infantil de maneiras diversas, segundo o momento histórico. A literatura escolar dos tempos da proclamação da República representava uma continuidade cultural com Portugal, embora reivindicasse uma língua brasileira. Entrando no século XX, surge uma literatura de fabricação nacional, patriota, que prezava por temas e língua nacionais, esta última oficial e correta. Predominam os ideais românticos e uma lógica integradora, que perdura mesmo em autores do período modernista como Viriato Correia e Érico Veríssimo.

Foi partindo de referências externas que se buscou construir uma literatura infantil própria no Brasil, primeiramente por meio de uma acumulação literária e do empréstimo



de uma tradição e, na sequência, pela incorporação e reinterpretação das inovações estéticas estrangeiras, como vimos em Lobato. Atualmente, apesar de já se encontrar consolidada, com um conjunto consistente de autores e obras nacionais, e de dispor de uma tradição própria à qual se referir, a LI brasileira segue se alimentando de literatura traduzida, numa relação dialética que por vezes inibe a inovação, por vezes a estimula. Como explica Antonio Candido:

Todos esses são fatos normais e legítimos de difusão cultural que nada têm a ver com a melhor ou pior qualidade, ou com o significado dos textos, pois, repito, somos parte da mesma civilização, trazida inteira pela conquista e modificada segundo as vicissitudes do nosso destino histórico. [...] Foi, portanto, por meio de empréstimos ininterruptos que nos formamos, definimos a nossa diferença relativa e conquistamos consciência própria. Os mecanismos de adaptação, as maneiras pelas quais as influências foram definidas e incorporadas é que constituem a “originalidade”, que no caso é a maneira de incluir em contexto novo os elementos que vêm de outro. (CANDIDO, 2002, p. 101).

Este trecho retoma a convicção sempre reafirmada da obra de Antonio Candido de que a literatura brasileira faz parte do conjunto das literaturas ocidentais, e é sem temor que podemos afirmar o mesmo acerca da literatura infantil brasileira. Sua interação com as literaturas centrais, por vezes tomando-as como modelo, por vezes rejeitando-as, está no cerne de sua formação.

Dessa maneira, não propomos aqui que se faça uma história da tradução para crianças à parte da história da literatura infantil brasileira, mas, como propõe Even-Zohar (1990), que se considere a literatura traduzida como um conjunto coerente de obras – ou seja, um sistema, dentro do polissistema literário – a fim de situá-la no seio da literatura infantil brasileira e articulá-la com os demais elementos desse sistema. A perspectiva histórica de Antonio Candido, conforme expusemos até aqui, oferece um amparo teórico substancial para essa empreitada.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
BORDINI, Maria da Glória. A literatura infantil nos anos 80. In: SERRA, Elizabeth D'Ângelo (Org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil, 1998. p. 33-46.



- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Vol. 1. 6ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2000.
- _____. **Iniciação à literatura brasileira** (resumo para principiantes). São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.
- _____. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 2002.
- _____. Os primeiros baudelairianos. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 23-38.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5ª ed. revista e atualizada. Barueri: Manolo, 2010.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. In: **Poetics Today**, vol. 11, n. 1. The Porter Institute for Poetics and Semiotics: Tel Aviv, 1990. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LEFEVERE, Andre. **Translation, rewriting and the manipulation of literary fame**. Londres: Routledge, 1992.
- LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- SHAVIT, Zohar. **Poetics of Children's Literature**. The University of Georgia Press, Athens and London, 1986.
- SOUSA, Germana Henriques Pereira. Tradução e sistema literário: contribuições de Antonio Candido para os Estudos da Tradução. In: **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 1, p. 56-74, jan/jun. 2015. p. 57-74.
- TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. Edição para a Taylor & Francis e-Library. EUA e Canadá: Routledge, 2004.

Recebido em: 16 abr. 2018

Aceito em: 13 jun. 2018